

Números acirram debate

São Paulo — Governo e empresários trocaram farpas, ontem, durante debate promovido pela Abinee — Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica: o vice-presidente do BNDES, André Franco Montoro Filho, chamou de "profetas do apocalipse" os que prevêem recessão, e o presidente da Abinee, Aldo Lorenzetti, retrucou com indicadores que, segundo ele, refletem desaquecimento.

Na batalha de palavras, o empresário ganhou até um aliado do próprio governo, o presidente da Siderbrás, Amaro Lanari Júnior, que se manifestou inconformado com a defasagem de 64% entre o custo e o preço do aço, que gerará a falta do produto a partir de 1990, devido ao desestímulo ao investimento.

Segundo o vice-presidente do BNDES, André Franco Montoro Filho, há uma dicotomia entre os números reais da economia e as análises isoladas que apregoam uma nova crise. "Falar em recessão hoje no Brasil é má fé ou ignorância, porque a capacidade ociosa é

pequena e as taxas de desemprego são baixas", afirmou ao classificar a desaceleração do ritmo de crescimento como "uma política programada de alívio da demanda".

Esse processo, porém, na opinião do presidente da Abinee, Aldo Lorenzetti, gera uma reação em cadeia que pode conduzir à recessão. "Com o temor de desemprego e o estímulo à poupança há desvio dos recursos para consumo, somando ao encarecimento dos produtos e as altas taxas de juros. Todos os fatores convergem para uma diminuição de compra já registrada no comércio, e a indústria também está com sua carteira de pedidos reduzida a um ou dois meses".

Mesmo discordando dos argumentos dos empresários, Montoro reconheceu o perigo da "profecia auto-realizadora" e faz um forte apelo ao investimento, admitindo uma queda de 30% nos pedidos de financiamento ao banco, em fevereiro contra o mês do ano passado. Com Cr\$ 120 bilhões disponíveis para financiar investimento de longo prazo, o BNDES

em SP

está com caixa alta este ano e espera ter demanda para esses recursos.

Só os investimentos garantirão a estabilidade da economia, aumentando a oferta e aí podendo dar uma folga à demanda", acrescentou o vice-presidente do BNDES, que reconheceu, porém, que os investimentos das estatais só ocorrerão com a correção dos preços.

No caso da Siderbrás, segundo seu presidente, Amaro Lanari Jr., a correção a partir de 1º de março deveria ser de 64%. Com defasagem de preço desde 1978, o setor siderúrgico não tem realizado investimentos, o que provocará a falta de aço a partir de 1990. Aguardando um reajuste de preço ainda esta semana, Lanari defende um plano de aumentos graduais para evitar novos prejuízos e rebateu o argumento de pressão sobre a inflação.

"Pior do que 1% ou 2% de inflação é ter um déficit acumulado de 12 bilhões de dólares", disse. O plano de saneamento já iniciado e somente preços reais podem garantir uma política de novos investimentos.